

ELIMINAR A INI-
CIATIVA PRIVADA
É FAZER ADOR-
MECER UMA NA-
ÇÃO

LOULE

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

ANO XXII

21-4-76

Delegação em Lisboa

R. Passos Manuel, 102-5.º-Dt.
Telef. 56 27 59

Composto e Impresso

GRÁFICA EDITORA

Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração

GRÁFICA LOULETANA

Rua da Carreira
Telef. 6 25 36 LOULÉ

O DIREITO DE PROPRIEDADE E O ESTADO

3 - 0 direito da intervenção directa do Estado

Referimo-nos já ao aspecto, que consideramos negativo, do direito da intervenção do Estado no direito de propriedade e que consistia na vigilância e na providência defensiva sobre o bem comum por uma política geral que respeite todavia, e sempre, a liberdade da pessoa.

Há, porém, um outro aspecto, o positivo, pelo qual o Estado não se limitará a vigiar e a prever, mas será autorizado até mesmo a intervir directamente no regime de propriedade. E aqui, uma interrogação se impõe

logo à partida: o Estado poderá fazê-lo onde, quando e como muito bem quiser? — Para já, a resposta é imediata e incisiva: não! Quer dizer, o Estado não poderá fazê-lo onde, quando e como muito bem entenda, exactamente porque antes de afirmar os direitos do Estado sobre a vida económica, é necessário afirmar, ou reafirmar, os direitos gerais e fundamentais do homem. A comunidade económica, da qual o Estado tem o en-

(continua na pág. 10)



Pinheiro de Azevedo novamente no Algarve

Certamente atraído pela amenidade do nosso clima e beleza das nossas paisagens, o Almirante Pinheiro de Azevedo passou o fim de semana de Páscoa no Algarve, instalando-se no Hotel D. Filipa, unidade hoteleira que se enquadra no magnífico complexo turístico de Vale Lobo.

O Primeiro Ministro visitou Quarteira e a Marina de Vilamoura, chamando assim a aten-

(continua na pág. 10)

O País tem nova Constituição Política

O País tem uma nova Constituição Política, que entrará em vigor à meia-noite do próximo dia 25 de Abril.

A terceira Constituição mais extensa do Mundo (tem 312 artigos, ficando atrás somente da uruguaia e da jugoslava) foi solenemente promulgada pelo presidente da República, general Costa Gomes, em 2 do corrente mês, culminando um «sprint» vigoroso dos senhores deputados, os quais, à última hora se decidiram a trabalhar mais e a discutir menos.

O texto da nova Constituição consagra algumas das conquistas fundamentais e inalienáveis do Povo Português, depois do 25 de Abril, definindo o quadro institucional das transformações necessárias à sociedade portuguesa.

A dignidade da pessoa humana como fundamento da socie-

dade e do Estado; o pluralismo ideológico e o respeito pela liberdade de crença e de culto; o reconhecimento e a garantia dos direitos fundamentais dos cidadãos; a abolição dos monopólios e a supressão dos latifúndios; o reconhecimento dos direitos económicos e sociais dos trabalhadores (direito à greve, etc.); a planificação democrática; a independência dos tribunais e a afirmação da independência nacional — eis alguns dos princípios consagrados na nova «Lei Fundamental do Povo Português» pelo que teremos de manter a nossa conduta» (para usarmos palavras do general Costa Gomes).

Apesar das contradições de todo o «processo revolucionário» e das questões que tantas vezes dividiram os Partidos representa-

(continua na pág. 10)

EVOCAÇÕES DO CARNAVAL DE LOULÉ

Quando se fala do Carnaval de Loulé, essa ideia associa-se imediatamente à da batalha de flores. Este ano falhou a tradição: Loulé não apresentou a sua «batalha» e, por consequência, o Entrudo perdeu o interesse daqueles anos em que milhares de brincalhões lá iam, de toda a parte e até estrangeiros que andavam a visitar o País ou haviam escolhido o Algarve, onde se instalavam, tendo às vezes co-

mo atractivo, por coincidência, a floração das amendoeiras.

Começamos então por falar das batalhas de flores.

Foi em 1905 que pela primeira vez se viu uma batalha de flores no Algarve e esse acontecimento

(continua na pág. 7)

NOTA QUINZENAL

O TURISMO QUE NOS INTERESSA

A maior parte (para não dizermos a totalidade) dos estabelecimentos hoteleiros algarvios está repleta de retornados das ex-colónias. Tal facto tem contribuído, diga-se, para que muitos daqueles estabelecimentos — anteriormente quase des-

(continua na pág. 7)

FOI INAUGURADO EM VILAMOURA O HOTEL D. PEDRO

Com a presença do Dr. Jorge Campinos, Ministro do Comércio Externo e Turismo; Dr. Luís Madeira, Subsecretário de Estado do Turismo, foi inaugurado, no complexo turístico de Vilamoura o D. Pedro Hotel.

Dada a proximidade da saída do nosso jornal, só no próximo número publicamos a notícia detalhada do acontecimento.

ONZE LOULETANOS CANDIDATOS A DEPUTADOS PELO CÍRCULO DO ALGARVE

Entre os nomes que integram as várias listas de candidaturas à Assembleia da República, apresentadas pelo Círculo de Faro, contam-se os de onze louletanos,

que a seguir indicamos para informação dos nossos leitores:

Aníbal Guerreiro de Sousa, de 30 anos, empregado de escritório, que encabeça a lista da L.C.I. (Liga Comunista Internacionalista); José Maria da Ponte Lucas, de 43 anos, agricultor, candidato pelo P.P.M. (Partido Popular Monárquico); Sérgio Guerreiro Basílio, de 34 anos, empregado co-

(Continua na pág. 4)

O DIÁRIO DO GOVERNO

«SUICIDOU-SE»...

O «Diário do Governo», provavelmente «farto» de leis que publicava e que nem sempre eram cumpridas, «resolveu suicidar-se», no passado dia 9 de Abril. A «arma» foi um decreto-lei do Ministério da Administração Interna que lhe indica o su-

(Continua na pág. 4)

Alte festeja o Dia do Trabalhador

No próximo dia 1.º de Maio Alte estará de novo em festa. E este ano para festejar com plena justiça e, sem medo, o «Dia do Trabalhador».

E que, no «antigamente» nem se podia falar no 1.º de Maio e, no programa da festa de Alte, apenas se mencionava 1 de Maio, para passar despercebido que era o «Dia do Trabalhador».

Hoje, felizmente, é diferente e nós sentimos a alegria de pensar que brevemente haverá liberdade neste país para que cada um possa exprimir livre e coerentemente as suas ideias sem o espectro do medo.

Porque nada é mais triste do que cada um de nós ser escravo (seja de quem for) dentro do seu próprio País.

Portanto, este ano podemos ir TODOS a Alte e festejar alegremente o dia que o Mundo festeja como de autêntica libertação do trabalho excessivo.

O 1.º de Maio simboliza a consagração das 48 horas semanais como meta racional do trabalho necessário à realização do homem.

(Continua na pág. 4)

«AMENDOAL-Produtos Alimentares, Lda.»

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.ª CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 9 do mês corrente, lavrada de fls. 108, v.º a 110, do livro n.º B-87, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre Francisco Leal Farrajota e Maria da Piedade Leal Farrajota Pedro, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a denominação de «Amendoal — Produtos Alimentares, Limitada», tem a sua sede na Avenida José da Costa Mealha, número vinte

e um, rés-do-chão, desta vila e freguesia de São Clemente, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

Segundo — O seu objecto consiste na indústria e comércio de pastelaria, confeitaria e charcutaria, podendo a sociedade explorar qualquer outro ramo de negócio em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de cem mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes:

Uma de setenta mil escudos, do sócio Francisco Leal Farrajota; e

Outra de trinta mil escudos, da sócia Maria da Piedade Leal Farrajota Pedro.

Quarto — 1. É livremente permitida entre os sócios a cessão de quotas, no todo ou em parte.

2. A cessão a estranhos só poderá efectuar-se com prévio e expresso consentimento da sociedade.

Quinto — 1. A gerência da sociedade, dispensada de caução, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

2. Qualquer sócio gerente poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração em quem entender.

3. Para obrigar validamente a sociedade basta a assinatura de um gerente ou de um seu procurador.

4. É expressamente proibido aos gerentes ou seus procuradores obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Sexto — As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios, com a antecedência de oito dias, pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

Assim o outorgaram.
Está conforme.

Secretaria Notarial de
Loulé, 12 de Abril de 1976.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE ALBUFEIRA

(Publicação Única)

No dia 24 do próximo mês de Maio, às 11 horas, à porta do Tribunal Judicial de Albufeira, nos autos de carta precatória vinda da Comarca de Loulé e extraída

LOULÉ

AGRADECIMENTO

MANUEL ESTEVENS

Sua família, vem por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à última morada a sua saudosa extinta e às que, por qualquer forma exteriorizaram os seus sentimentos de pesar.

Para todos os nossos agradecimentos mais sinceros.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA
DO DISTRITO DE FARO

ANÚNCIO

Comunica-se que está aberto concurso pelo prazo de 20 dias para o preenchimento de vagas de:

Auxiliar de Arquivo — Posto Clínico de Loulé
Aspirante ou 3.º Escriturário — Posto Clínico
Martinlongo

Aspirante ou 3.º Escriturário — Posto Clínico
Monchique

Os interessados deverão entregar-nos os seus requerimentos com todos os elementos de identificação até ao dia 26 do corrente e para qualquer esclarecimento poderão dirigir-se ao Serviço Informativo desta Caixa na Rua Infante D. Henrique, 34, às horas de expediente.

Faro, 7 de Abril de 1976.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé, nos autos de acção ordinária de divórcio litigioso, com pedido de assistência judiciária n.º 20/76 que correm termos pela 1.ª secção, em que é Autora Ana da Assunção Tomás, doméstica, residente no sítio do Vale das Rãs, freguesia de S. Clemente, concelho de Loulé e Réu ALVARO PEREIRA MATIAS, marido da Autora, ausente em parte incerta e com a última residência no aludido sítio do Vale das Rãs, é este Réu citado para contestar, querendo, apresentando a sua defesa, que poderá englobar o pedido da assistência judiciária, no prazo de 20 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, consistindo o pedido em acção ser julgada procedente e provada e, consequentemente ser decretado o divórcio entre A. e R., com fundamento no abandono definitivo do domicílio conjugal há cerca de 13 anos, por parte do Réu e o pedido de assistência na dispensa total de reparos e do prévio pagamento das custas por parte da Autora.

Loulé, 1 de Abril de 1976.
O Juiz de Direito, 1.º subst.º,
a) Miguel Teixeira Ribeiro
O Escrivão de Direito,
a) João do Carmo Semedo

Desperdícios de algodão

Para limpeza de máquinas
CASA CHAVES CAMINHA
Av. Rio de Janeiro, 19-B
LISBOA — Telef. 725163

BESTEIROS (AMEIXIAL)



AGRADECIMENTO

TENENTE MANUEL
MATEUS FERNANDES

Sua esposa Ana Maria Ferrandes, filha Isis Semirâmis Fernandes e genro Manuel Costa Fernandes, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que de qualquer forma, compartilharam na sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada.

Para todos, o penhor da nossa gratidão.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA
DO DISTRITO DE FARO

ANÚNCIO

Para conhecimento dos interessados, comunica-se que está aberto concurso, pelo prazo de 20 dias, para o preenchimento de duas vagas de Parteira-Enfermeira no Posto Clínico de Lagos.

Os requerimentos deverão ser entregues até ao próximo dia 26, na sede da Caixa, à Rua Infante D. Henrique, n.º 34, em Faro, onde poderão ser prestados quaisquer esclarecimentos.

Faro, 7 de Abril de 1976.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

SURDOS



CASA SONOTONE

NÃO OUVES BEM!

Procure-nos a fim de fazer um exame e uma demonstração que é gratuita com os mais belos aparelhos do Mundo. Óculos só de encostar à cabeça sem fios nem pipetas. Uma maravilha de audição. LARINGES ELECTRÓNICAS para os operados à laringe. Vendemos pilhas de todas as voltagens. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas. Procurem-nos a fim de os fazermos felizes nas seguintes localidades:

Dia 27 de Abril 3.ª Feira

LAGOS	— FARMÁCIA SILVA	— DAS 9 ÀS 10 HORAS
PORTIMÃO	— FARMÁCIA CENTRAL	— DAS 11 ÀS 12 HORAS
LOULÉ	— FARMÁCIA CHAGAS	— DAS 15 ÀS 16 HORAS
BOLIQUEIME	— FARMÁCIA CAVACO	— DAS 17 ÀS 18 HORAS

Com a vossa visita ficaremos muito reconhecidos em:

LISBOA — Poço do Borratém, 33 s/l — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-315602

A propósito da Liberdade

Por
MANUEL DE QUERENÇA

Nunca a Liberdade foi tão evocada no nosso país por gregos e troianos, como durante todo este período que vai do 25 de Abril de 1974, aos nossos dias. Afinal, o que é a Liberdade?

A elegante Mme Roland, nas horas de confusão da grande Revolução francesa, no momento em que o carrasco a conduzia à guilhotina exclamou: «O libérté! que de crimes on commet en ton nom». Verdades como punhos, diria o nosso grande Eça de Queirós. É certo, quantos crimes sem punição, se têm cometido através dos séculos, em nome da Liberdade! E todavia, apesar do grande número de monstruosos crimes colectivos e individuais levados a efeito em nome dessa mágica Dama, ainda hoje, abusando da boa fé dos povos, por toda a parte, uma gama de indivíduos, procuram destruir no Homem, qualquer manifestação de Liberdade, calcando aos pés todo o sentimento de livre crítica. A liberdade é para esse género de indivíduos, o que o isco é para o armador de ratoeiras. O ingodo para atrair as vítimas. Falam em Liberdade, quando a sua ambição mais ou menos secreta, é aproveitar a primeira oportunidade, para impôr a ditadura.

Que tristeza contemplar esse vergonhoso espectáculo de demagogia e intoxicação dos povos! Para qualquer homem político que se respeita, e em par-

ticular, num país como o nosso, a sua primeira preocupação devia ser o de instruir, esclarecer, informar, consciencializar, de maneira a que todo o cidadão, no momento de escolha, o possa fazer com conhecimentos de causa. Infelizmente, o que se observa, na maioria dos casos, é precisamente o contrário. A preocupação cimeira dessa gente, parece consistir em desorientar os cidadãos com doutrinas dogmáticas, destinadas a fanatizar os indivíduos e a criar na comunidade — o que é desastroso — o ódio de uns contra os outros, quando o objectivo devia ser, a estima e o respeito mútuo.

A Liberdade, que é uma alta regra de conduta e nunca uma conduta sem regra, é depois ou paralelamente com a saúde, a mais maravilhosa conquista do Homem. Ser livre é ser alguém com responsabilidade e determinação própria. Sem Liberdade, não há riqueza nem prosperidade que valha. Só quem possui a Liberdade e um dia a perdeu, lhe pode dar o verdadeiro valor. Ser livre, repetimos, é ser responsável, é poder escolher a profissão, o domicílio e toda a sua maneira de ser. Ai dos homens que não são livres, ai do Homem que não pode decidir, escolher, optar por este ou por aquele caminho, tomar esta ou aquela iniciativa, renunciar ou ambicionar.

Conquanto a Liberdade seja um bem precioso, parte integral e inalienável do indivíduo, ela tem como todas as coisas, os seus limites. Sendo na sua essência um sentimento de pureza, de dignidade e de civilização, a Liberdade nunca pode ser sinónimo de licença, nem de insulto ou má criação. Ela confunde-se com o respeito, com a dignidade, com a bondade e a tolerância. Sem a tolerância de uns para com os outros, a Liberdade seria letra morta.

Como ninguém o pode ignorar, a Liberdade de uns termina onde começa a Liberdade de outros. É protegendo a Liberdade do nosso vizinho, que podemos garantir a nossa. A Liberdade não pode ter um sentido abstracto, mas sim um sentimento elevado, resultante da educação dos indivíduos. Ela será mais efectiva e eficaz em qualquer Sociedade, quanto mais elevado for o nível de cultura, de dos homens que compõem essa colectividade.

Quanto a nós é erro grave e grosseiro, servir-se da Liberdade para insultar o próximo, para fugir às regras fundamentais de urbanidade entre os homens ou as colectividades. Lá onde reina ou figura o ultraje, a calúnia, a mentira e a difamação, nunca

pode haver Liberdade, digna desse nome, mas simplesmente, falta de educação, de honestidade e respeito pelos outros. A Liberdade manifesta-se no diálogo honesto, na discórdia sincera, no debate, e na luta por um mundo melhor ou por amor à justiça e à verdade. Divergência não significa inimizade, mas simplesmente independência de crítica ou julgamento.

Bater-se pela Liberdade, é lutar pela dignidade e emancipação do Homem. O Homem livre, não pode ser fanático nem intolerante com a opinião do adversário. Adversário, não pode ser sinónimo de inimigo. A Homem livre, antes de impor as suas convicções ideológicas ou filosóficas, deve procurar fornecer aos indivíduos, os meios de se informar, o que significa os meios de escolher. É um absurdo, o pretender que os homens penssem todos pelo mesmo canudo, que ajam todos da mesma maneira. Toda a doutrina, sincera e construtiva, deve ter como objectivo fundamental, atrair duma diversidade de convicções, a fraternidade, a solidariedade e cooperação entre os homens. Salvo no seu sentido abstracto, não existem doutrinas definitivas nem princípios imutáveis.

Se verdadeiramente se quer construir um Portugal novo, em direcção à fraternidade e ao bem estar dos portugueses, a primeira preocupação dos homens políticos, em vez de andarem a intoxicar os cidadãos com promessas de banha-de-cobra, com campanhas de dinamização de puro fanatismo dogmático, deviam consagrar os seus esforços, à formação de homens livres e conscientes, capazes com o seu trabalho comum, de fazerem de um Portugal de hoje, em desordem, de indivíduos a insultarem-se uns aos outros, uma Nação de homens trabalhadores, na luta por uma vida melhor; unidos pelo diálogo e pela discussão construtiva, e onde haja lugar para todos. Ninguém deve renunciar à sua maneira de ser, à condição que ela não seja incompatível, com a maneira de ser dos outros. Isso é o primeiro e autêntico sintoma da Liberdade, de qualquer Povo.

A SUA PROPRIEDADE ESTÁ MAL APROVEITADA?

Em Loulé há várias famílias interessadas em trabalhar no campo, porque era essa a sua profissão em Angola.

Crie riqueza ajudando os que precisam e melhore os seus rendimentos.

O Estado ajuda a pesquisar água onde a não houver.

Contacte com Comissão Concelhia de Retornados — Telef. 62657.

EMPREGADA DOMÉSTICA

Precisa-se, para casa com crianças.

Contactar com esta redacção.

NOTÍCIAS PESSOAIS

FALECIMENTOS

Faleceu há dias em casa de sua residência, a nossa conterrânea sr.^a D. Maria da Conceição Pereira, que contava 78 anos de idade e era viúva do sr. Manuel Pereira.

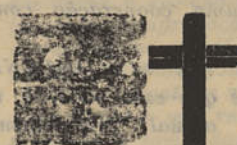
A saudosa extinta era mãe do nosso prezado assinante e amigo sr. Abílio Simões Pereira, casado com a sr.^a D. Maria dos Santos Barata Plácido e era irmã do sr. Manuel Martins Simões e das sras. D. Maria Clara Simões e Henriqueta da Conceição. Deixou 4 netos.

LUIS ACACIO CARDOSO DE FIGUEIREDO

Faleceu há dias em Vila Real de Santo António, o sr. Luis Acácio Cardoso de Figueiredo, há 66 anos comandante da Corporação de Bombeiros Voluntários daquela vila e decano dos comandantes dos Bombeiros portugueses.

O saudoso finado, que contava 90 anos de idade, era agraciado com as mais altas condecorações e distinções conferidas aos soldados da paz, prestou os mais relevantes serviços à Corporação dos Bombeiros, não só daquela vila, como também noutros centros do País.

LOULÉ



AGRADECIMENTO

JOAQUIM DE SOUSA LAGINHA

Sua esposa, filhos e restante família vêm tornar público o seu mais profundo reconhecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à derradeira morada o saudoso extinto ou que de qualquer modo manifestaram o seu pesar pelo lutooso acontecimento, não o fazendo directamente, como seria seu desejo, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas.

Para todos o penhor da sua gratidão.

Era pai da sr.^a D. Leonor Andrade Figueiredo e do sr. Jacinto Andrade Figueiredo, casado com a sr.^a D. Silvina Cabrita Figueiredo, e do sr. Luis Andrade Figueiredo, casado com a sr.^a D. Ana Maria Fernanda Figueiredo.

O funeral, que se realizou no passado dia 30, para o cemitério daquela vila, constituiu impressionante manifestação de pesar, tendo-se nele incorporado representações de várias corporações de bombeiros.

Na igreja paroquial, foi celebrada missa de corpo presente.

A família enlutada endereça-mos sentidas condolências.

NASCIMENTO

Num quarto particular do Hospital de Faro, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.^a D. Ana Paula Domingues Pinheiro da Cruz, aluna do Instituto de Economia de Évora, esposa do sr. Fernando Henrique Pinheiro da Cruz, aluno do mesmo Instituto e professor do Liceu de Évora.

O recém-nascido é neto materno da sr.^a D. Maria Perpétua Domingues, professora do Ciclo Preparatório, em Loulé, e do sr. Tomás Domingues, comerciante, da nossa praça, e paterno da sr.^a D. Maria Ivone Pinheiro da Cruz e do sr. dr. Francisco Pinheiro da Cruz, professores da Escola Industrial e Comercial de Faro.

As nossas felicitações.

PARTIDAS E CHEGADAS

A passar férias no Algarve, encontra-se entre nós o nosso dedicado assinante na Venezuela sr. Joaquim Lopes Guerreiro, que se faz acompanhar de sua esposa, sr.^a D. Maria de Lurdes Barreiros Virote D. Guerreiro e filhos, menino Carlos Alberto e menina Ana Paula.

Encontrar um amigo que se compadeça da nossa desgraça é fácil, mas encontrar um que se alegre com o nosso êxito isso é que vale a pena, isso é que é difícil.

Oscar Wilde

APARTAMENTOS

VENDEM-SE

Prontos a habitar c/ 4 assoalhadas, situados na Expansão Sul (Cadoiço).

Informa: Filipe Marum Murta — 30.º Dt.º — Expansão Sul — LOULÉ.

Se tem problemas relacionados

com Artes Gráficas

contacte com

GRÁFICA LOULETANA

Telef. 62536 - LOULÉ

ESPLANADA

Cadeiras e mesas para esplanada.

Compra-se ou aluga-se. Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Motor e caixa velocidades Indenor «Diesel» próprio para Peugeot, em estado novo.

Mostra e trata: Auto Mecânica do Bairro — LOULÉ.



AGRADECIMENTO

ARMANDO DOS SANTOS COSTA

Seus familiares vêm, por este meio agradecer a todas as pessoas que compartilharam da sua dor e em especial aos amigos e colegas da EVA, que se dignaram acompanhar o saudoso extinto à sua última morada e se interessaram pela saúde durante o internamento hospitalar.

PRÉDIO

Por motivo de retirada, vende-se em Loulé um apartamento de construção recente com 3 assoalhadas, (1.º andar).

— Apartamento em Quarteira com chave na mão e mobilado, com 3 assoalhadas, a 100 metros do mar. Tratar pelo Telef. 62328.

À que mãos entregamos os nossos filhos?

O que se passa nos nossos estabelecimentos oficiais de ensino pode perfeitamente traduzir-se por esta simples e dura palavra: BANDALHEIRA.

Não reina ali um mínimo de ordem. Não se sabe quem manda, mas sabe-se, sem sombra de dúvida, que ninguém obedece.

E isto não apenas no ensino superior, que o mal reina já imponente e vitorioso, até nas escolas do ciclo preparatório. Os professores, ultrapassados pela onda de desorientação geral, aceitam todas as ordens emanadas de pseudo-plenários aparentemente convocados pelos alunos que, aos poucos, se vão já apercebendo do logro em que caíram e muitos ainda caem. É verdade que há professores que, para não ficarem atrás e para que não lhes chamem «reaccionários» ou «fascistas», enfileiram neste festival onde não há «rei nem roque».

Não é segredo para ninguém que os alunos não obedecem aos que nós julgávamos seus superiores e que, ou por exigências da «nova sociedade» ou por «convicções» pessoais, se demitiram das suas funções de educadores e de orientadores da juventude qu (diga-se mais uma vez, que não faz mal) serão os homens e mulheres do amanhã.

A maneira inconsequente e desnorteante como tem sido formada a nossa juventude, dar-se-á razão para que mais tarde, quando puder verificar o logro em que caiu, camente muitíssimo alto, que foi traída. Traída, nos seus ideais, na sua dedicação, na sua generosidade e até, o que se me afigura mais grave, na sua ingenuidade.

Há estabelecimentos de ensino em que se permite praticamente tudo. Ou, para não ser tão duro, em que fecham os olhos aqueles, que, pelas suas responsabilidades, os deveriam ter bem abertos. Joga-se a dinheiro; transacciona-se droga. Patricam-se outros actos de que, por pudor, não quero especificar aqui. Usa-se uma linguagem que faria corar de vergonha um granadeiro da velha guarda. Exemplo entre outros, de um rapaz para uma sua colega, portanto ambos estudantes: «Oh! sua p...»

E ela não protestou... São já numerosos os encarregados de educação que se manifestam apavorados com esta onda demolidora que galga todas as barreiras e destrói toda a obra educacional que muitos deles conseguiram criar nos seus filhos. E é precisamente a escola que a vem destruir agora...

E perguntam, ansiosos: «À que entregamos nós os nossos filhos?»

Atendendo a esta situação caótica, a que ninguém põe termo (antes se afirma que a nossa escola é a mais «democrática» do mundo, num eloquente conceito de democracia...) parece-nos que são precisamente os encarrega-

dos de educação que têm a obrigação de dizer uma palavra em tão escandaloso domínio.

Não tenho saudades da situação passada, a quem apenas fiquei a dever o exame da quarta classe, já que tudo o mais o consegui da generosidade de outras mãos. Mas, como português e como encarregado de educação de quatro jovens não posso pactuar com a desordem e a bandalheira que actualmente reinam nos nossos estabelecimentos de ensino oficiais. Até quando temos de suportar este estado de coisas? Será essa a melhor maneira de chamar os nossos jovens à responsabilidade da vida? A torná-los conscientes da sua missão no mundo que os espera? Será que os responsáveis decidiram mesmo demitir-se da sua maravilhosa tarefa de educadores?

Não temos o direito de confundir a liberdade, por que todos ansiávamos, com as multifacetadas maneiras de se exprimir a licenciosidade...

E é na liberdade autêntica, por que responsável, que todos queremos educados os nossos filhos...

ADELINO ALVES
(De «O Dia»)

APELO aos homens e mulheres de boa vontade de todo o Mundo

— Para que RECONHEÇAM o poder da boa vontade como força vital que modela as opiniões dos homens e guia as suas acções numa cooperação construtiva;

— Para que se COMPENETREM de que esse poder é, no momento actual, grandemente necessário nas questões mundiais e que, sem boa vontade entre os homens, nenhuma paz duradoura é possível;

— Para que se ESFORCEM em dar um exemplo crescente de boa vontade na sua vida quotidiana, tornando-se, assim, unidades eficazes de boa vontade no corpo da Humanidade;

— Para que DEEM o seu reconhecimento pessoal e apoio a todos os esforços e declarações de homens eminentes e dos chefes do pensamento de qualquer parte do Mundo, que revelem a qualidade da boa vontade, a fim de que, não importa quando nem onde quer que seja, o poder da boa vontade seja utilizado e encontre o apoio de um público esclarecido;

DESPORTOS

O Presidente do Quarteirense fala da vida do Clube

Da fusão com a antiga Sociedade Recreativa Quarteirense, em Abril de 1971, nasceu o «Quarteirense», clube que, nos últimos tempos, tem dado bastantes alegrias aos desportistas de Quarteira, devido à meritória presença da equipa de futebol do clube no Campeonato Nacional da 3.ª Divisão.

Justifica-se, pois, amplamente, que entrevistemos o presidente do Quarteirense, sr. Dionísio Santos Cravo, para nos falar das dificuldades e das aspirações daquele clube. Aqui ficam, deste modo, arquivadas nas páginas de «A Voz de Loulé», as palavras do presidente do Quarteirense, clube a que desejamos a continuação dos maiores êxitos desportivos.

P. — Consta que está previsto a continuação de um campo de jogos em Vilamoura. Tem havido dificuldades?

R. — Muito se tem falado num campo de jogos em Vilamoura. Efectivamente já existe esse campo, mercê da ocupação feita pelo povo de Quarteira dum bocado de terreno em Vilamoura, que não está destinado a urbanização. Como principal interessado, o Quarteirense fez obras de terraplanagem que já importaram em 110

contos, estando ainda algum por pagar.

Mas agora o panorama clarificou-se. Depois de algumas reuniões com a Lusotur, foi assinado na sede da Junta de Freguesia um acordo em que intervieram a Comissão Administrativa da Junta de Freguesia, representantes da Lusotur, do Quarteirense e da Associação de Moradores de Quarteira (mais um clube que se formou nesta freguesia a quem desejo as maiores venturas). Ficaram salvaguardados os interesses dos desportistas: o campo ficará aberto a todos os que queiram praticar as várias modalidades desportivas. A Lusotur responsabiliza-se pela conclusão do referido campo, no mais curto espaço de tempo, no que colaborará com as outras partes intervenientes neste acordo. Estou esperando de que o Parque Desportivo em Vilamoura será em breve uma realidade.

P. — Acha que o Quarteirense tem possibilidades de se manter na III Divisão?

R. — Embora ainda esteja longe o final do campeonato, penso que o Quarteirense, com a classificação que tem actualmente, se irá manter na III Divisão.

P. — Quais as dificuldades actuais com que o Quarteirense se defronta?

R. — O nosso maior problema é a falta do parque de jogos, pois as deslocacões a Loulé são muito dispendiosas, principalmente quando se trata de Iniciados e Juvenís, que muitas vezes se disputam de manhã e a horas em que não há transportes colectivos que satisficam. Isso também prejudica as receitas que poderíamos ter em Quarteira, uma vez que muitos Quarteirenses não se deslocam a Loulé por carência de tempo.

P. — A população de Quarteira tem dado o seu apoio moral e financeiro ao desporto?

R. — Sem esse apoio o Quarteirense não existiria, convindo salientar com especial relevo para os pescadores, que contribuem sempre na medida do possível, com algum peixe para o Quarteirense. Daí nos têm vindo boas receitas, para fazer face às despesas (que não são poucas) dum Campeonato como é a III Divisão Nacional.

P. — O Quarteirense, além do futebol, pensa praticar mais alguma modalidade desportiva?

R. — O Quarteirense está ab-

to a todas as modalidades desportivas e só as não temos incrementado mais por falta de colaboradores. Atletas não nos faltam. Provam-no o Encontro Distrital de Atletismo realizado o ano passado pelo ENDO. Dos 10 atletas classificados no Concelho de Loulé 5 são de Quarteira. Pensamos em breve iniciar provas de nataçao, pelo que já entrámos em contacto com a respectiva Federação, graças à boa vontade dum colaborador regressado de Angola que é monitor dessa modalidade. Na verdade impunha-se a prática da nataçao num clube de Quarteira.

P. — Tendo sido a pessoa que mais contribuiu para levar o Quarteirense à III Divisão, pensa ficar à frente dos destinos do Clube na próxima época?

R. — Tenho a dizer-lhe que não fui eu quem levou o Quarteirense à III Divisão. Fiz parte duma equipa de dirigentes, massa associativa e atletas, com especial relevo para estes, que levaram o Quarteirense à posição em que hoje se encontra. Quanto ao ficar à frente dos destinos do Quarteirense, posso dizer que o meu mandato terminará em Junho e competirá à Assembleia Geral do Clube decidir. Pela minha parte penso retirar-me para dar lugar aos novos e desejar que o Quarteirense singre e ocupe o lugar que merece no Desporto Nacional.

Q. M.

ONZE LOULETANOS

(continuação da pág.1)

macial e Carlos Albino Guerreiro, de 30 anos, jornalista, candidato pela U.D.P. (União Democrática Popular); dr. Luís Filipe Madeira, 35 anos, advogado, que encabeça a lista do P.S. (Partido Socialista); Vasco Ramos, pedreiro, José Luís Rodrigues, mecânico, e António Manuel Tomás, pedreiro, candidatos do P.C.P.-ml (Partido Comunista — marxista-leninista); Noélia Correia Mateus Ventura, candidata pelo M.E.S. (Movimento da Esquerda Socialista); e drs. Cristovão Guerreiro Norte, advogado, e Eduardo José Tenazinha, funcionário público, candidatos pelo P.P.D. (Partido Popular Democrático).

Além dos candidatos a deputados acima referidos, queremos ainda citar os nomes do dr. Jacinto Duarte, de 42 anos, advogado (candidato pelo C.D.S. — Centro Democrático Social), e do eng.º Mateus de Brito (do P.P.D.), os quais, embora não sejam louletanos por nascimento, aqui vivem e exercem as suas profissões.

Pode-se pois dizer que Loulé está presente «em força» nesta candidatura. Que tal signifique um reforço futuro da Democracia é quanto aguardamos da actividade política daqueles nossos conterrâneos.

D. L.

O Diário do Governo «suicidou-se»...

(continuação da pág. 1)

cessor e que no seu art.º 1.º diz assim: «Passará a designar-se «Diário da República» o jornal oficial até aqui chamado «Diário do Governo», cuja edição cabe à Imprensa Nacional — Casa da Moeda».

Uma vez que a nova Constituição prevê uma nova designação para o jornal oficial, o M.A.I. resolveu por bem operar, desde já, às modificações necessárias. E assim se finou o «Diário do Governo». Paz à sua «alma»...



Restaurante

DUAS SENTINELAS

Esmerado serviço de

ALMOÇOS — JANTARES — CASAMENTOS BAPTIZADOS

Ambiente acolhedor no pinhal da Estrada Loulé-Quarteira.

Área aprazível para recreio de adultos e diversão de crianças.

A 500 metros das Quatro Estradas Experimente a nossa cozinha. Preços acessíveis.

E deixar, do fado a triste sorte

A história de Otelo Nuno, Saraiwa de Carvalho, major de Artilharia, está a começar a ser uma história triste, uma história de fado português da decadência. O que podia ser um drama viril, a angústia de um homem que não soube separar a realidade e o mito, e cuja modéstia natural se dilacerou no charco da fama e da popularidade fácil, está pouco a pouco a resvalar para o nível mental das canções de ceguinhos e da demagogia barata, que infelizmente caracterizam hoje a «subesquerda» dos comícios, das manifestações, dos protestos e da construção insustentável da desordem.

Francisco Sousa Tavares
(in «A Capital»)

Alte festeja o Dia do Trabalhador

(continuação da pág.1)

Regozijemo-nos por isso, mas não abusemos em pretensões utópicas que levem ao amolecimento de vontades, ao entorpecimento da vida das nações.

Todos os excessos são condenáveis.

Regozijemo-nos, pois, por o Algarve poder concentrar-se em Alte e festejar em Alte o «Dia do Trabalhador» e em que todos confraternizem em são ambiente de alegria e boa disposição em sadio contacto com a Natureza, ouvindo o cantar das águas correndo e, até esquecendo a política num dia que é de repouso e de... bons petiscos.

Por tudo isto, nós recomendamos-lhe, caro leitor, vá a Alte no dia 1.º de Maio, até porque, além do programa habitual, poder ver e ouvir os Ranchos Folclóricos de Gouveia, de Moncarapacho e de... Alte.

Podemos ainda acrescentar que este ano haverá os mais amplos espaços para estacionamento de automóveis.

Várias zonas foram já preparadas para o efeito.

EVOCAÇÕES DO CARNAVAL DE LOULÉ

(continuação da pág. 1)

deu-se em Loulé e se repetiu em 1906. Ficaram como recordação fotografias de uma «Torre Eiffel» coberta de flores, montada em cima de um carro; um «dirigível» e um «automóvel» (máquina então quase desconhecida) feito de duas bicicletas, graças ao engenho e paciência do habilidoso ourives Francisco Fernandes da Silva e outros que com ele colaboraram. Outros carros enfeitados e trens, bem bonitos, deram luzimento aos dois primeiros cursos louletanos.

Durante anos não mais se falou em batalhas de flores e o Carnaval de Loulé não passou de grupos de mascarados que iam a casa, que recebiam, bailes particulares ou em sociedades, até que, em 1914, — se me recordo — o Dr. Frutuoso da Silva — à frente de um grupo dramático ocasional levou a efeito belas réclamas e bailes e o Rei Momo louletano quis despertar, havendo novamente batalha de flores no recinto das anteriores: a Praça da República (era só a que havia) aquela a que já se deveria ter chamado Avenida da República; porque é mais uma pequena avenida do que praça...

E daí mais nada a assinalar até que em Junho de 1926 (dias 19, 20, 21 e 22) se realizaram pela primeira vez as Grandes Festas da Vila, com belos concursos hípicas, jogos e várias competições desportivas, música e bailes ao ar livre no Mercado, iluminações, venda de doces regionais, tómbola, etc.; e em três desses dias animadas batalhas de flores e que constituíram um êxito: — pela primeira vez na Avenida Costa Mealha, incontestavelmente a melhor do Algarve, para o fim em vista. Há quem se lembre da imponente «gôndola» da família Gomes Pablos e outros carros de magnífico efeito e muito bom gosto.

Duraram as Festas da Vila (cujo fim era conseguir fundos para a Santa Casa da Misericórdia) até 1928 ou 29 e como recordação ficaram as ruínas de alguns dos obstáculos do improvisado hipódromo que o tempo desfez, ou antes a adaptação da pista para ciclismo.

Até por 1938 ou 39 alguém teve a feliz ideia de fazer renascer as

batalhas de flores em Loulé, com o fim de se conseguir receita para a Misericórdia pois que o Hospital precisava de inadiáveis modernizações. A Mesa da Santa Casa deitou mãos à obra e colaboraram todos quantos puderam. Foi o primeiro de uma série quase ininterrupta. O Provedor, sempre prudente, cauteloso, talvez por vezes em demasia, não opinava por uma propaganda em força recendo que a «batalha» não correspondesse ao que dela se previa e então seria o descrédito — um desaire. Tal não sucedeu. Foi lá muita gente logo no primeiro ano, os carros bem ornamentados e imperou o bom gosto. Dizia-se que fora o melhor que se vira no Algarve (não muita animação, porém, a princípio) mas a fama estava lançada e a Misericórdia arrecadou os primeiros milhares de escudos com as batalhas de flores sendo mínimas as despesas. Claro que no ano seguinte começou-se a pensar com mais antecedência e os bons colaboradores — bons algarvios, bons louletanos — foram incassáveis.

Cá por Lisboa dediquei-me à propaganda. Comecei por conseguir que a «notícia» da Batalha das Flores de Loulé fosse algumas vezes radiodifundida na Emissora porque estava então a exercer um dos lugares directivos pessoa amiga, nascida em Loulé. No Rádio Clube Português contava então com o sempre jovem e dinâmico Jorge Alves, na Parede, sempre pronto a aceder aos meus insistentes pedidos.

Na Imprensa Diária aparecia com frequência e quer no «Século» onde tinha relativas facilidades ou no «Diário de Lisboa», onde o Félix Correia me publicava, sempre de boa vontade, uma noticiuzinha rabiscada à pressa e pequena, para poder sair várias vezes.

Mais difícil era o «Diário de Notícias»; e para este tive algumas vezes de esperar na Redacção até depois da 1 hora da madrugada que o Chefe de Redacção, Aprígio Mafra, autorizasse a publicação de umas linhas em que quase invariavelmente dizia: — «Coincidindo este ano com a plena floração das amendoeiras, Loulé vai festejar

mais uma vez o seu Carnaval...», etc.

Era preciso fazer propaganda. Loulé escutava as emissões de rádio e lia os jornais. Entusias-mava-se e redobrava de actividade: todos trabalhavam! Era em benefício da Misericórdia...

O número de visitantes que acorria a Loulé, todos os anos, crescia e ultrapassava o previsto. Começaram a surgir dificuldades de alojamento; mas estabeleceu-se em Loulé o centro de uma rede de distribuição de hospedagem por todo o Algarve e as coisas correram tão bem quanto possível, pois que nesse tempo ainda não havia hotéis como hoje; ia nascer o turismo que todos esperávamos seria com T maiúsculo...

Quanto a transportes rodoviários, os atritos e habituais emperramentos da parte da Empresa que mantém, desde longa data, o monopólio dos colectivos; mas lá se resolviam os problemas sempre da melhor forma possível.

Um dia pensei que um comboio especial (os habituais «combóios das amendoeiras») directamente a Loulé, pelo Carnaval, seria de grande projecção e excelente meio de propaganda. Por intermédio do jornalista Carlos de Ornelas da «Gazeta dos Caminhos de Ferro», revista em que então colaborava, consegui um encontro em Sta. Apolónia com o eng.º Nazaré, um dos directores da C. P. Disse-me ele que não haveria inconveniente no comboio especial e até seria de interesse para a Companhia; mas existia um óbice; Loulé, a cinco quilómetros da sua estação de caminho de ferro não poderia garantir talvez, o transporte rápido e eficiente dos passageiros e o comboio resultaria em fiasco. Fiz uma consulta para Loulé. Como as camionetas, nesse tempo, não eram em grande número e faziam falta para as carreiras e para o vai-vém Faro-Loulé-Faro e desdobramentos sempre imprevisíveis e com carros que então andavam pelas lotações de 24 ou 28 passageiros (raros ainda os de 30) não se poderia contar com um serviço eficaz. Ficou então assente entre mim e o Eng.º Custódio Nazaré, que haveria para o Carnaval de Loulé, bilhetes a preços reduzidos. Não conseguira tudo, mas o remédio não era inferior; porque ao menos a C. P. encheu as estações, as vitrines da Estação do Rocio e das de Sta. Apolónia e Terreiro do Paço de cartazes — reclamo do Carnaval de Loulé, feitos por sua conta... Estava lançada a fama e a minha missão cumprida.

Loulé enchia-se de gente (todos os anos mais) e o dinheiro entrava no cofre da Misericórdia já às muitas dezenas de contos para não dizer centenas.

Apareceram elementos novos — autarquias locais até — como ditadores do Carnaval, com inovações. Se algumas foram interessantes, outras de muito mau gosto! Aquele tapume de barreira de palhaços de feira e que ficava de uns anos para os outros sem qualquer alteração para melhor! As pobres olaias da Avenida que todas as primaveras se encarregava de vestir de flores rosa-ciclame, eram «mascaradas» de amendoeira com florinhas de papel e muito mau gosto! Muita gente se insurgia contra o disparate; mas o teimoso inventor do mau gosto e os que se lhe seguiram não desistiam! E o cortejo do rei-carnaval, de um pirismo e sensaboria notáveis! Mas tudo assás dispendioso!

Muitas foram as pessoas a quem inculcava — por bairro — o Carnaval de Loulé e aí foram atraídas pelo que lhes dissera. Ao regressarem mostravam-se-me desiludidas com o Carnaval sensaborão e bárbaro! Queixavam-se-me do arremesso de saquinhos cheios de pedras e outros objectos contundentes; da estupidez e imundície de certos foliões que forçavam as raparigas a encher a boca de papeli-

nhos, de inutilizar ou, pelo menos, danificar peças de vestuário com guaches de cores ber-rantes e, quanto a carros, o mesmo dos anos anteriores: o tractor a rebocar um estrado com qualquer artifício florido (de papel) colocado em cima. Assim foram passando anos do Carnaval de Loulé sem evolução vivendo apenas da fama que dera muito trabalho a conquistar.

Foi este Carnaval que morreu na devida altura e morreu muito bem. Ao menos morreu de pé. Salvaram-se as olaias da Avenida que vão florir agora à vontade!

Faça-se de novo e bom.

Loulé mantém tradições, a bela localização no centro do Algarve, o clima primaveril em fins de Fevereiro ou princípios de Março quando o Carnaval é «alto» e se realmente não chove... e outras mais condições favoráveis.

Vamos fazer outro Carnaval: um Carnaval turístico, em suma, e que seja também para todos, todos poderem divertir-se e contagiar-se na grande folia. Não o Carnaval-exploração.

É evidente que se busquem fontes de receita, para o fundo turístico e, em especial, para a beneficência: que os foliões, enquanto se divertem, mitiguem a dor dos que sofrem.

Faça-se do Carnaval de Loulé o Carnaval do Algarve ou um Carnaval a nível nacional, famoso, como o do Rio, o de Nice, de algumas cidades alemãs e outros, embora em proporções mais modestas, evidentemente...

O Carnaval como foi alguns anos (poucos) o do Estoril, com fins mercantis e dispendiosos nomes de cartaz, como Chevalier, Fernandell, Salvador Dali, não interessa. Era só para quem lá ia deixar dinheiro.

Ponha-se de parte, na quadra carnavalesca a hipocôndria, o desânimo, o «splanan», a desconfiança e desagregação que estão a querer ser apanágio do povo português! Fora com isso tudo!

Um Carnaval em moldes novos para Loulé e que recupere e ultrapasse a fama dos tempos de antanho.

Vila Real está perto e de Espanha podem ir muitos turistas.

O Aeroporto de Faro está em condições de desembarcar milhares de estrangeiros que queiram passar uns dias divertidos sem terem de atravessar o Atlântico.

Já que não podemos proporcionar aos visitantes os desportos de inverno que a TV propagandeia e levam à Suíça e aos países nórdicos, frios, milhares de turistas, ao menos ofereçam-se-lhes durante o nosso inverno divertimentos, clima suave e muitas flores.

Prepara-se o Carnaval de 77 como o Grande Carnaval de Loulé e para o seu brilhantismo comecem-se a estudar programas, com bailes, batalhas de flores (prato de resistência) foliões mascarados, ranchos folclóricos, grupos musicais, etc. Tudo estudado, observado em todo o pormenor porque as responsabilidades a assumir serão tremendas. Mas não haja receio: haja boa vontade.

Restaurem-se as Festas da Vila já para este ano, pelos Santos Populares, ocupando uma parte do mês de Junho, com fogos de artifício (as antigas fogueiras e carretilhas) bailes ao ar livre, «mastos», disputas de fogos como nos outros tempos, arraiais, etc.

Que Loulé se prepare já para as festas de verão e mais tarde para o Carnaval de 77.

O Turismo que precisa ressurgir tem necessidade de todos estes auxílios de bons colaboradores.

Trabalhem todos!

Vamos a isso?

Lisboa, Março de 1976.

J. de Barros Santos

DESASTRE MORTAL

Vítima de um automóvel que despistou junto à OEAL, no dia 3 de Abril, faleceu no Hospital de Loulé, poucas horas depois de ali ter dado entrada, o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Joaquim de Sousa Laginha, que contava 65 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria Martins Inês e era pai das sr.ªs D. Maria de Sousa Laginha, casada com o sr. Camilo Martins, residente no Canadá; da sr.ª D. Deolinda Inês Laginha, casada com o sr. Rogério Semão Gonçalves, industrial em Quarteira e dos sr.ªs José Inês Laginha, casado com a r.ª D. Maria da Luz Guita Paulino, residentes na Austrália e avô dos sr.ªs Ilidoro Laginha Martins, Eduardo Laginha Paulino, Mário Laginha e das sr.ªs D. Helena Paulino Laginha, D. Vitorina Laginha Martins e D. Maria de Fátima Laginha Gonçalves.

Alojamentos no Algarve, precisam-se

Dado os inúmeros pedidos de apartamentos, aldeamentos, turísticos, casas ou quartos particulares, que estão sendo dirigidos à «Casa do Algarve» em Lisboa, para a próxima época balnear, na nossa Província, vem a mesma solicitar às pessoas ou entidades interessadas que lhe enviem, o mais breve possível, neste sentido, todas as informações julgadas convenientes, para: Casa do Algarve, Rua Capelo, 5-2.º, Dto. — Lisboa 2 — Telefone 323240.

ANDAR

Vende-se um 2.º andar, em prédio de propriedade horizontal, situado na Rua de Camões, 2-2.º dt.º, de construção recente, c/ 3 assoalhadas, comodidades modernas, marquise, terraço e com chave na mão.

Nesta Redacção se informa ou pelo telefone 62999 — LOULÉ.

VENDE-SE

Betoneira, com capacidade de 350 l. Motor eléctrico e guincho Beta. 500 kg. com cavaletes.

Nesta redacção se informa.

Móveis em todos os estilos a preços acessíveis — só na
CASA SIMÃO
(A MOBILADORA)
António Simão Viegas, Ltd.ª
Telef. 62110 LOULÉ

PREÇOS

DE ASSINATURA DE «A VOZ DE LOULÉ»

CONTINENTE

Semestre 60\$00
Ano 100\$00

ESTRANGEIRO

Semestre 90\$00
Ano 150\$00

ESTRANGEIRO — AVIAO

Semestre 140\$00
Ano 230\$00

NOTA QUINZENAL

O TURISMO QUE NOS INTERESSA

(continuação da pág. 1)

indispensáveis, embora o I. A. R. N. pague as diárias a preços que o aumento do custo já tornou desactualizados.

Todavia, esta é uma situação de transição, pois à medida que se for resolvendo o problema dos retornados — e cremos que a solução derradeira ainda virá longe —, os estabelecimentos hoteleiros do Algarve têm de abrir as suas portas ao turismo que verdadeiramente interessa a esta Província e que é aquele que possibilita a entrada no País de vultuosas divisas, de que tanto necessitamos.

A instabilidade por que passa o sector, no Algarve, exige urgentes e inteligentes medidas de reconversão, que não podem ser adiadas com remendos de ocasião. É preciso pois encarar uma estratégia oportuna, adaptada às nossas possibilidades e dimensões.

Já não se põe, por ora, a questão do turismo «de classe» ou do turismo «de massa», embora nos pareça que o ideal será encontrar a síntese entre estes dois conceitos e realidades. Nem só os grandes capitalistas, nem só o turista «de roulotte e barraca». O excesso de definição sempre foi uma faca de dois gumes, isto sem prejuízo, naturalmente, da necessidade de planificação, tanto no presente como no futuro, pois organizar também é preciso.

A verdade é que em qualquer país o desenvolvimento da indústria do turismo, só é rentável e estável se a sua promoção for criteriosamente programada em função das suas realidades sociais, económicas e territoriais. O Algarve, dada as suas características próprias, integra-se perfeitamente no «quadro turístico» onde as entidades responsáveis terão de «escrever»; com a colaboração dos interessados, uma «redacção» em que mais importa o conteúdo do que a forma «vernacular». Exactamente por isso é que urge andar depressa e bem, por muito difícil que seja a «caligrafia»...

RECORDANDO

Quando nos meados de 1922 fizeti a minha residência em Loulé logo um amigo me confidenciou: Vai para Loulé, vai para boa terra, mas não se esqueça: em Loulé seja louletano! Verifiquei com agrado encontrar-me numa terra de aspecto agradável, com as ruas largas, arejadas e limpas expostas ao sol e aos ventos frescos e secos vindos das montanhas ao norte. Nesse tempo iniciava-se a construção da bela avenida dos actuais cursos do Carnaval.

Os seus naturais, dotados de grande comunicabilidade, eram no seu trato íntimo acolhedores com os visitantes e sobretudo com os novos residentes. Dotados de um apurado espírito crítico, separados por ideologias políticas que os devíam no partido de baixo e no partido de cima, tendo como seu representantes ou cartazes as suas filarmónicas Música Velha e Música Nova, respectivamente: Filarmónica Marçal Pacheco e Filarmónica Artistas de Minerva. Para além destas divisões políticas actuava na consciência dos louletanos um grande amor à sua terra, um forte sentimento bairrista que os fazia unir nas horas altas das suas reivindicações colectivas. Este bairrismo tão co-

nhecido nos órgãos governativos levou um célebre político dos primeiros anos da República a dividir — por espírito crítico — o Algarve em Barlavento, Sotavento e Loulé. Este sentimento bairrista, quando bem orientado, constitui uma das melhores fontes construtivas dos agregados colectivos, por terem a sua origem nas espontâneas aspirações do Povo. Faço votos para que este bairrismo construtivo se mantenha ainda vivido e actuale, tal como o encontrei nos largos anos em que residi em Loulé, sentimento que me contagiou, como se louletano fosse, acompanhando as suas reivindicações colectivas com o mesmo entusiasmo dos seus naturais.

Ao debruçar-me sobre o panorama sócio-económico de Loulé e seu concelho verifiquei que a sua população acusava um superavit, ou excesso fisiológico anual muito apreciável nos anos de 1922 e seguintes. Verifiquei existir em Loulé as incipientes indústrias de curtumes, sabão, olaria e já em desenvolvimento as indústrias da palma, exparto, da tecelagem, artesanato de cobre e latão entre outras, e em plena exploração a indústria de calçado. Os louletanos dispunham então de um florescente comércio, e os seus naturais constituíam os principais colaboradores e expositores de grande parte das feiras e mercados do Algarve, e até do Baixo-Alentejo. Pode-se afirmar que as qualidades de trabalho, de iniciativa e de espírito comercial destacava os louletanos dos outros povos do Algarve. Quando tive a oportunidade de percorrer o concelho de Loulé verifiquei tratar-se de um concelho grande e potencialmente rico, a começar nos altos cumes da Serra do Caldeirão a dividir o Algarve do Alentejo até vir descendo em suaves decalcos até à beira-mar, passando pelo barrocal, pelas planícies horticolas até atingir as terras e as areias macias da beira mar. Decorridos vários anos, devido à acção absorvente dos grandes «trustes» industriais, desapareceram as indústrias dos curtumes, sabão, tecelagem, e até por último a da florescente indústria manual do calçado para se mecanizar e se concentrar longe de Loulé, onde a sua mecanização teria o seu lugar próprio. Esta ausência, esta fuga de actividades e trabalhos trouxe consigo o aumento da emigração com o seu cortejo de uma excessiva diminuição da natalidade em todo o concelho, índice de um mal-estar económico-so-

cial. Todavia a entrada de divisas, que os seus filhos emigrantes enviam anualmente, tem vindo a compensar, de certa forma, o vácuo económico-social que a sua ausência havia aberto.

O concelho de Loulé, pelo comportamento sócio-económico dos seus naturais, pela sua vastidão, variedade orográfica, térmica, agro-pecuária e turística, constitui um concelho de vastas e promissoras potencialidades que em breve preencheram o vazio provocado pela ausência das indústrias desaparecidas, para dar lugar a novas fontes de riqueza, como as que se criaram recentemente do sal-gema, gesso, artesanato, da cerveja, do turismo, entre outras.

O vasto concelho de Loulé, descendo dos altos cumes da Serra do Caldeirão numa suave sucessão de socacos dispostos em varandas até ao mar, servidos por horizontes tranquilos e luminosos, que os turistas necessitam e procuram, constituem outros tantos polos de atracção que devem figurar na lista da agenda turística a explorar. A orla marítima do concelho de Loulé foi contemplada com três das mais poderosas e aliciantes organizações turísticas das quais pela sua grande projecção, devemos esperar uma larga e promissora fonte de trabalhos e de divisas.

Em Loulé vivi trinta e dois anos e ali, atraído pela força centrípeta do seu bairrismo, integrei-me na marcha progressiva das suas reclamações e tomei parte nas horas altas das suas manifestações colectivas, sobre as quais a esclerose do tempo não conseguiu desvanecer ou passar a esponja do esquecimento. Agora, a cerca de uma vintena de anos de ausência, tendo já dobrado o cabo dos oitenta, já não me é permitido olhar para a frente onde só encontro o plano inclinado da vida, o tal plano que tem por fundo as portas da imortalidade, mas sim para trás, para o passado, como num caleidoscópio, a recordar e a reviver alguns dos mais belos e luminosos momentos da minha vida.

Razão tinha pois aquele Amigo ao confidenciar-me: Vai para Loulé, vai para boa terra. Mas não esqueça: seja louletano!

MAURICIO MONTEIRO

JOSÉ NEVES LOURENÇO

MEDIADOR DE SEGUROS

Rua Ataíde de Oliveira, 29-1.º

Telef. 62757 — LOULÉ

PRETENDE PLANTAR OLIVEIRAS?

Tenho p/ venda, de sequeiro e enxertadas prontas a dar fruto.

Informa esta redacção ou Telef. 62832 — LOULÉ.

O DESPORTO

Joaquim:

Não temos futebol e temos Eusébio.

Não temos piscinas e temos Quinhentos.

Não temos ciclismo e temos-te a ti.

Somos um País que não se rala. Porque, já se sabe, há-de sempre surgir, ao virar da esquina, um destes homens (ou gestos) providenciais.

Os outros países, esses, sem talento, sem garra, sem inspiração, fartam-se de trabalhar para obter, aqui e ali, numa Olimpíada num Campeonato da Europa, mediocrementemente, um título, uma medalha.

Para fabricar um campeão, precisam juntar dez mil indivíduos. Para construir uma vitória são anos de trabalho. Sem contar com as despesas dos ginásios, das piscinas, das pistas.

Nós não.

Queimamos uma quantidade de etapas. Limitamo-nos a esperar que caia, de maduro, da árvore, o campeão. Que rebente, entre as papoilas e as urzes, a vitória.

Que temos nós a ver com a existência de países onde os cidadãos são — está provado — obrigados à prática da ginástica com uma metralhadora encostada à nuca?

Que há de comum entre nós e qualquer país, onde, já se sabe, se fuzilam todos os atletas que não ganham medalhas de ouro nos Campeonatos da Europa?

Nada. Absolutamente nada.

Aborrece-nos a ginástica. Entedia-nos o treino. Impacienta-nos a preparação.

Somos um país de virtuosos. De autodidactas. De self-made-men.

Do desporto, o que nos interessa, são as taças. Do futebol, o golo. Da ginástica, o pódio.

Nada de grandes massas praticantes. São monótonas. Nada de grandes esforços colectivos. São grosseiros.

O Eusébio chutou e fez golo no mundo. O Chibanga matou e fez sangue no touro. Tu pedaste e fizeste massa no Merckx.

Tanto bastou para nos porem ao rubro. E a superioridade do nosso gigantesco complexo de inferioridade. Ou a inferioridade do nosso imenso complexo de superioridade.

VENDE-SE

Máquina e moinho para café em estado novo.

Preço acessível.

Nesta redacção se informa.

VENDE-SE

Casa de rés-do-chão c/ 6 divisões, por detrás da Igreja em Quarteira.

Informa Delmira Moreira — QUARTEIRA.

CAFÉ ARIEIRO

TRESPASSA-SE

Tratar com o proprietário: António Domingos Cavaco.

Rua da Carreira — Telefone 62299 — LOULÉ.

Amanhã, Joaquim, vais ganhar o Campeonato do Mundo!

Vais, dá lá por onde der! Mesmo que percas, o que é igual. Sobretudo se perderes.

E que tu és, amanhã, Joaquim, a nossa raiva, a nossa genica, o nosso talento!

E quando tu, por garra, por fibra, por teimosia, ultrapassares os rapazes desses outros países desinteressantes e medianos, logo se verá que essas histórias de ginásios, de piscinas e de pistas são cantigas.

Poi claro, Joaquim, que tu não tens culpa nenhuma do estado em que estão as coisas do desporto português.

Muito tens feito tu, que não nasceste numa terra de reivados, de espaldares e de tanques de água tépida.

Uma terra onde tu foste a campeão a partir do impossível.

E por isso que soa estranho ouvir lançar sobre o teu esforço solitário, sobre o teu cavar a terra com os pés nos pedais, sobre a tua emigração periódica aos «tours» — a retórica das quinas, da verde-rubra, das cores nacionais.

Há tantos portugueses como tu, em França. Tantos que pedalam na construção civil. Tantos que vestem a camisola amarela das horas extraordinárias. Tantos que empoçam os prémios das metas volantes para as vacanças. Para esses o «tour» é definitivo.

Es, Joaquim, um proletário do desporto. Um desporto-espectáculo. Um desporto-empresário. Um desporto padrão. Que, de súbito, te manda fazer, emmanuelino, a moldura para o retrato. Que te pinta no boné a marca de um gás butano. E nas costas a marca de uma tinta. E no peito a marca de um gelado.

O que tu levas em cima!

Nove milhões de sonhos. E mais a redundância da Emissora Nacional. E mais a eficácia da RTP. E mais três ou quatro campashas de publicidade hábeis.

E mais a obrigação de ganhar. Homem, não será demais?

Que é, afinal, o Desporto português?

Esta mão-cheia de clubes, de advogados, de comendadores, estas assembleias gerais tumultuosas onde vinte ou trinta indivíduos apaixonados representam vinte ou trinta mil sócios distantes e mal informados, que mal sabem os seus direitos e os seus deveres.

Que é afinal, no Desporto português, o Ciclismo?

O Ciclismo são as férias do futebol. As libras do «Diário de Notícias». E o drama serra-acima-serra-abaxio de umas dezenas de homens perdidos no sol, na poeira, na publicidade.

Quando é que estas coisas grandes, e úteis e entusiasman-tes, deixarão de ser tratadas como Coliseus de carne, como felrag de músculos, como lutas de homens, para serem, muito simplesmente, uma festa de vida, de solidariedade, de paz?

Ganha Agostinho.

Mas ganha como homem que és e não como boneco, como «robot», como matraço!

Artur Portela Filho
(Do livro «O Desporto e as Letras»)



SAUDAÇÃO

Francisco de Brito Rocha e sua mulher, Maria da Piedade Chumbinho Domingos, naturais de Loulé e residentes na Costa de Linda-a-Pastora (Estádio Nacional), tiveram agora a alegria de poder reencontrar seu filho, JOSÉ FRANCISCO DOMINGOS ROCHA, que há 15 anos se encontrava em Moçambique, onde prestou serviço militar.

Sentem, por este motivo, a necessidade de exteriorizar publicamente a sua felicidade por poderem matar saudades de seu filho.



ARMELIM CONTREIRAS

STAND DE AUTOMÓVEIS
Compra, Vende e Troca Automóveis
novos e usados

Telef. 63919
Stand: Rua Diogo Lobo Pereira
Resid.: Rua dos Combatentes da
G. Guerra, N.º 14-1.º Esq.º

(Largo do Chafariz)
Campina de Cima
LOULÉ

A propósito de «O TAVIRA»

Onde está a tal liberdade de imprensa?

Por recente notícia publicada em «O Távira» ficámos sabendo que a direcção do nosso prezado colega da cidade de Gilão já foi chamada 3 vezes a Tribunal.

E isto simplesmente porque houve a ombridade de criticar acções de homens públicos cuja actuação era lesiva dos interesses da comunidade.

Como nós pensamos que um dos grandes males do Fascismo era exactamente impedir (através duma censura implacável) que a imprensa atacasse os erros dos poderes públicos, ficamos agora atónitos só de pensar como é possível que as mesmas pessoas que dantes defendiam intransigentemente a liberdade de imprensa, (como necessidade imperiosa duma verdadeira democracia) são exactamente as mesmas que têm agora medo dessa tão ansiosamente esperada liberdade de imprensa.

Conhecemos o director de «O Távira» e não nos passa pela cabeça que ele fosse capaz de inventar pilérias para atacar quem quer que fosse.

As pessoas honestas, dignas, probas, não têm medo da verdade.

Contrariamente, os pusilânimes e os maus, sentem necessidade de ameaçar pela força bruta ou pelo tribunal para atemorizar os que teimam nas verdades.

É tática muito antiga e muito usada.

Mas já agora, para que o leitor fique algo informado acerca do que se passa em Távira, transcrevemos a local que justificou este nosso comentário:

JUSTIÇA

Três vezes, em espaço de tempo relativamente curto, foi a Direcção de «O TAVIRA» chamada a Tribunal.

Três processos por crime de abuso de liberdade de imprensa, correm neste momento no Tribunal de Távira, devido a escritos inseridos no nosso jornal.

Em todos estes casos, levados à apreciação da Justiça de Direito, foram feitas críticas à acção de homens públicos, prática aceite numa vivência democrática, que não existirá sem a liberdade de expressão, de pensamento pela Imprensa.

Um dos casos denunciava uma situação considerada de «exploração do homem pelo homem», em que era interveniente um elemento da Comissão Administrativa da Câmara de Távira. Nos outros dois é criticada a acção, dita pouco democrática, do presidente da Junta de Freguesia de Conceição de Távira.

Ambos os factos são, então, considerados crimes de abuso de liberdade de imprensa, com responsabilidade criminal que a Lei pune com cadeia, indemnizações, multa, etc.

FESTA POPULAR

A FAVOR

DOS BOMBEIROS DE FARO

Tendo em vista a angariação de fundos destinados ao reequipamento da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Faro, decorreu na noite de 29 de Março, no Cinema de Santo António, em Faro, um Festival Popular, que envolveu um vasto programa de índole recreativa e cultural.

Os momentos recreativos foram preenchidos com a actuação de diversos artistas (Trio Alvorada, Américo Filipe, Zília Maria, etc.) e com os ranchos folclóricos de Faro e da Fuseta; quanto aos momentos culturais, contaram com as presenças do dr. Joaquim Magalhães e Tossan que falaram da vida e obra do poeta algarvio António Aleixo.

Ora não é intenção destas palavras chamar em nossa defesa a opinião pública ou o leitor mais assíduo. Este transe é a consequência da maneira frontal e independente de fazer jornalismo, prática de que nunca nos quizermos ou queremos alhear, sabendo bem encarar as responsabilidades, quando as tivermos.

Mas não deixa de ser interessante, a propósito, fazer certas apreciações deveras pertinentes:

— Enquanto «O Távira» é chamado a responder, acusado de injúria, nesta mesma cidade, um bando de irresponsáveis sequestra mulheres e crianças, numa sociedade recreativa, até às 5 horas da manhã, apadreja portas e janelas, parte vidros, e nada lhe acontece;

— Enquanto «O Távira» é acusado de difamador, alguns pseudo-revolucionários manipulam adolescentes, para provocarem pessoas pacíficas, só por eles não compartilharem das suas ideias recalcadas;

— Enquanto «O Távira» enfrenta a justiça, por abuso de liberdade de imprensa, a droga «pesseia» em liberdade pelas ruas da cidade;

— Enquanto «O Távira» é processado por desrespeito a outros, autênticos «vândalos» praticam a maior onda de provocação, pe-

CAMPEONATOS MUNDIAIS DE GOLFE NO ALGARVE

Foi coroada de pleno êxito a acção que vinha sendo desenvolvida pela Federação Portuguesa de Golfe, no sentido de ser confiada ao nosso País, a organização dos Campeonatos Mundiais de 1976, facto que se constitui desde logo uma demonstração de plena confiança na nossa técnica e no nosso ambiente, representa também o reconhecimento insofismável de que Portugal possui presentemente campos da melhor qualidade, à altura de todas as competições, o que é o mesmo que dizer dos melhores do Mundo.

Vem isto a propósito da World Amateur Golf Council ter já anunciado que decidira entregar a Portugal a organização dos Campeonatos do Mundo de Amadores (Homens e Senhoras), a realizar em Outubro do corrente ano, sendo os de Senhoras — Espírito Santo Trophy — de 20 a 23, no campo de Vilamoura, e os de Homens — Eisenhower Trophy — de 27 a 30, no campo da Penina.

Sabendo-se que, nos Campeonatos Mundiais Masculinos, concorrerão cerca de 45 países e, aos Campeonatos Nacionais Femininos, cerca de 25, e que tais campeonatos têm sempre a cobertura de dezenas, talvez mais de uma centena, de jornalistas estrangeiros, fácil se torna calcular o que a sua realização entre nós representa de promoção turística regional e, consequentemente, nacional.

RALLY AÉREO INTERNACIONAL DO ALGARVE

O Aero Clube de Faro vai organizar, com a colaboração da Comissão Regional de Turismo, um Rally Aéreo Internacional do Algarve, que decorrerá na província algarvia nos dias 19 e 20 de Junho.

Aquele Rally, que se pretende seja uma importante prova de aeronáutica, poderá ser também um eficaz meio de propaganda turística do turismo algarvio.

Estão a ser contactados pela organização vários aeroclubes de alguns países da Europa.

rante a complacência das autoridades policiais (veja-se as frequentes atitudes no cinema, nos cafés, na gincana realizada há dias e que não chegou a terminar e outros desmandos públicos);

— Enquanto «O Távira» ou os que nele escrevem estão na contingência de prisão; ladrões e passadores de droga, entregues pela G.N.R. ao Tribunal, descem, sorrindo, às escadas do Palácio da Justiça;

— Enquanto para «O Távira» se pede punição, por «injúria» ao presidente de uma Junta de Freguesia, outros ameaçam fisicamente o Presidente da Câmara, em sessão pública, e nada se lhes diz por se considerar uma atitude «revolucionária».

Enfim... critérios diferentes de justiça...

OFIR CHAGAS

O S. A. A. L. NO ALGARVE

605 FOGOS EM CONSTRUÇÃO

Realizou-se há dias na Junta Distrital de Faro, uma reunião do Secretariado das Comissões de Moradores S.A.A.L. do Algarve, em que participaram técnicos daquele organismo e do Fundo de Fomento da Habitação, reunião essa em que foram denunciados determinados entraves burocráticos, que têm impedido a prossecução eficaz das tarefas cometidas ao S.A.A.L. do Algarve.

O Secretariado de Comissões de Moradores S.A.A.L. do Algarve decidiu, na referida reunião, exigir «a publicação no Diário do Governo de portarias de fundo perdido; a saída do decreto de financiamento; e a autorização de posses administrativas imediatas». Repudiou, também, os ataques bombistas verificados nas instalações do S.A.A.L. do Norte e apoiou os elementos que integram aqueles organismos.

605 FOGOS EM CONSTRUÇÃO

Entretanto, o arquitecto Bernardino Ramalhe, da Comissão Instaladora Regional do Algarve, forneceu ao jornal «A Capital» os seguintes números respeitantes às actividades do S.A.A.L. na Província algarvia:

«...Número de operações S. A. A. L., 24; total de pessoas en-

Uma Casa da Cultura em Faro

No Governo Civil decorreu uma reunião para apresentação do estudo prévio, áreas e custos da Casa da Cultura que se pretende edificar. Na reunião, em que participaram o chefe do distrito e representantes do Gabinete de Planeamento da Região do Algarve, Ministério do Trabalho, INATEL, União dos Sindicatos/Intersindical, comissões de moradores, etc., admitiu-se a verba de 25 mil contos como montante do imóvel, que ficará implantado nos terrenos do antigo «Palacete do Lã», junto da Avenida da República.

A Casa da Cultura disporá, em princípio, de sala polivalente de espectáculos com capacidade para cerca de 700 espectadores, salas para teatro, «ballet», concertos e outras realizações de índole cultural, recintos para a prática de diversas modalidades desportivas, cooperativas de consumo (que incluirá um refeitório que possa servir 96 refeições diárias) e instalações administrativas e sociais do INATEL e outros organismos.

De joelhos, Portugal!

Depois de ter perdido três guerras o País onde nasceu Mouzinho ajoelha perante as exigências da Frelimo, do MPLA e do PAIGC. O Portugal que produziu homens como Teixeira Pinto, João Roby, Afonso de Albuquerque, Norton de Matos e outros tantos humilha-se, rasteja, roga-se, verga-se. Para o MPLA interessa mais o que diz a administração da Diamang ou o PCP do que diz Portugal. A Frelimo, em Moçambique, manda Rui Pimenta dizer para cá que domina 80% do território. De Moçambique continuam a chegar refugiados e de Angola também. Da grande hecatombe, cerca de 1 milhão de refugiados e dezenas de milhares de mortos, ninguém parece ter culpa. Ninguém.

Entretanto, em Angola Savimbi e em Timor a UDT, lutam contra as autoridades portuguesas, por serem a favor de Portugal. Pela primeira vez na História um

partido luta contra um País por querer ser desse País.

Entretanto, no sul da África milhares de cubanos ameaçam, perante a passividade do Congresso americano. Ninguém sabe se vão invadir o Zaire, a Rodésia ou outro País. Os cubanos estão no sul da África como um elefante numa loja de porcelanas.

O papel de Portugal foi tomar parte activa na instauração de governos comunistas nas ex-colónias. Governos esses que, uma vez instalados, nos cospem na cara o seu desprezo. Merecido. «Ai dos vencidos!» diziam os antigos.

Portugal: de joelhos, já!

FRANCISCO DE SEQUEIROS
(De «Vária 8»)

Dr. Manuel Cabeçadas provedor da Misericórdia de Faro

O Dr. Manuel Soares Cabeçadas, nosso conterrâneo e ilustre médico-cirurgião, é o Provedor da recém-eleita Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia de Faro.

São os seguintes os restantes membros que vão gerir os destinos daquela Instituição durante o triénio que findará em 31 de Dezembro de 1978: Vice-Provedor, dr. Novais Bicheiro; Secretário, Engénio Germano; Vice-Secretário, Candeias Neto; Tesoureiro, Luciano dos Reis Baião; Vogais, António dos Santos Domingos, José Jorge, D. Maria Bento Antão e D. Julieta da Encarnação Vieira.

A CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS FEZ CEM ANOS

Comemorou-se no dia 10 de Abril o primeiro centenário da Caixa Geral de Depósitos. Naquela dia, no auditório da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, efectuou-se uma cerimónia comemorativa em que estiveram presentes, além de outras individualidades, o Primeiro-Ministro e o Ministro das Finanças.

Anteriormente, foram promovidos concursos e exposições integradas nas comemorações do primeiro centenário da Caixa Geral de Depósitos, instituição que continua a merecer, justamente, a maior confiança dos depositantes e do público em geral.

Aos que trabalham na C. G. D. apresentamos as nossas congratulações pela passagem da efeméride.

ENSINO BÁSICO ANALIZADO EM FARO

Vinte e nove coordenadores pedagógicos do ensino primário do distrito de Faro participaram num curso de reciclagem efectuado, há dias, na Escola do Magistério Primário daquela cidade e no qual foram abordados problemas que se relacionam com os novos programas, nomeadamente no que concerne à avaliação contínua.

No final do curso, foi decidido constituir um Centro Regional de Apoio Pedagógico, para o que foi formada uma Comissão instaladora, que terá como tarefa essencial um levantamento das necessidades regionais no campo da formação de professores em exercício, sensibilizando os professores dos diversos estabelecimentos de ensino, promovendo e sugerindo acções e propondo medidas concretas para o ano de 76/77.

É preciso

vacinar as crianças

Tem sido ultimamente notada — e a Direcção de Saúde do Distrito de Faro já chamou a atenção para o facto — a ausência acentuada da comparência de crianças às vacinações obrigatórias, o que não pode deixar de causar preocupações.

Dado que a não vacinação pode originar o aparecimento de determinadas doenças (por exemplo, difteria e poliomielite), aconselham-se os pais ou familiares de crianças até aos 5 anos de idade a tratarem quanto antes, da vacinação necessária.

«SAVE» abalroado ao largo de Sagres

O navio-patrolha «Save» da Armada Portuguesa foi abalroado há dias por uma embarcação não identificada quando procedia ao patrulhamento da costa algarvia ao longo da Ponta de Sagres.

Do acidente resultou um rombo no casco do «Save» que abrangeu a casa das máquinas e do qual viria a resultar a morte do chefe-maquínista da tripulação, 1.º sargento António Costa, e ferimentos noutros tripulantes. Apesar das diligências efectuadas pelas autoridades não foi possível detectar a identificação do navio que colidiu com o «Save».

Será o rural um cidadão de terceira classe?

Talvez porque estamos a contemplar mais uma verdejante e florescente Primavera, uma época que nos recorda juventude: uma paisagem atraente para quantos nas vilas e cidades, gozam o tão apregoado e merecido bem-estar social. Recordo-me que sou descendente de CAMPONESES. Mas lembro-me ao mesmo tempo, que 75% dos habitantes das vilas e cidades, descendem do meio rural. Incontestável fonte abastecedora de todos nós! Inesgotável caudal de valores humanos! Ignorado centro de escravidão?

Oh, habitante das vilas, das cidades, dos grandes centros populacionais, donde descendem teus pais, teus avós? Tu, que nasceste no campo, porque o abandonaste? Porque finges ignorar as mãos callosas, os rostos envelhecidos, de teus companheiros de juventude? Pobre campesinato, que ainda por último, é a/cunhado de saloio, serrenho, montanheiro, analfabeto, despolitizado, e que mais? Cidadão de terceira classe? Oh, SENHORES das forças militarizadas, oficiais de carreira das F. A., funcionários públicos: porque não tentais saber a origem da vossa procedência?

E vós, ferroviários, trabalhadores dos transportes, da indústria, do comércio, dos hospitais, da Marinha Mercante: os vossos antepassados não teriam sido camponeses? Alfacinhas e tripeiros, como teria sido possível o crescimento das vossas duas grandes cidades, sem um contributo rural?

Como será possível a vossa sobrevivência, sem o sacrifício do camponês-saloio? Oh, Emigrante tu que és, quase exclusivamente, descendente de camponeses, tu que fugiste da miseranda vida rural, volta em gozo de férias, mas nunca para te sentires superior aos teus companheiros de ontem. Dá-lhes carinho, afaga-lhe o sofrimento, que é comparável ao teu! Amai o vosso torrão-natal, porque o meio rural, foi o teu berço de criação e será a tua querida Pátria de sempre!

Oh, SENHORES sindicalistas, vós que também descendeis de camponeses, não deveis ignorar o rural, seja ele trabalhador assalariado, rendeiro, pequeno, médio ou grande proprietário. Ele é digno de estímulo. E merece protecção, é trabalhador, e é povo. Tal como os habitantes das cidades, suporta a flutuação inflacionista, tem direito a regalias, como qualquer cidadão da sociedade portuguesa, porque o bem-estar social não pode ser uma palavra vã, nem o exclusivismo das gentes das cidades! Vós, pregadores do bem comum: vós, distribuidores voluntários do fantástico manto revolucionário e progressista, terão de se convencer que só há progresso com a colaboração do camponês. O camponês, sabe de há muito que caiu no logro: não ignora que está atulado no lamaçal e por isso não alinha em argumentos de retórica balofa, que têm como único objectivo instrumentalizar os humildes, para fins meramente políticos.

O que acontecerá neste País, senhores sindicalistas, se um dia

os rurais, exigirem as suas justíssimas reivindicações? Sim! Quem vos disse que um rural não tem o direito de descansar 17 horas por dia, 48 nos fins de semana, 6 contos de ordenado mensal, 13.º mês, 30 dias de férias com subsídio?

Sim! Quem vos disse que o camponês não tem o direito a ver Televisão, de possuir rádio, telefone, frigorífico, esquentador, máquina de lavar, luz eléctrica, água canalizada, meios de transporte, médicos e assistência medicamentosa? Quem vos disse que o camponês, para obter essas suas justas reivindicações não tem que fazer a sua greve? Oh, santo Deus, retira do pensamento dos humildes rurais, essa ideia diabólica, para não morrermos de fome nas cidades! Perdoa-nos Deus Criador: nós reconhecemos o fosso existente, entre a cidade e o campo!

Oh, feliz gente das cidades, que

saboreiam o bem-estar social, que auferem com justiça os ordenados que pretendem; que lutam pela justiça social, que condenam a exploração do homem pelo homem, que se lamentam do aumento do custo de vida, o que pensais dos camponeses? Terá a nosso País as mínimas condições para tornar possível essa justa pretensão? Estarão as vossas bolsas, preparadas para pagar o labor do camponês? Não! Porque o camponês está condenado a ser um parente pobre do habitante da cidade! O camponês, só é igual ao cidadão, no poder de jogo político, porque o seu voto é igual. Portanto camponeses, homens e mulheres, um momento de igualdade se avizinha, as ELEIÇÕES. Nem um só camponês, deve renunciar a esse dever de cidadão, porque já basta de nulidades, já chega de despolitização!

MANUEL FARIA

JOÃO DE DEUS E A CARTILHA: TEMA PARA AS CRIANÇAS

Será inaugurada em Lisboa, no mês de Junho, uma exposição de trabalhos seleccionados pelo júri do concurso «João de Deus e a Cartilha Maternal vistos pelas Crianças», incluída nas comemorações do centenário da publicação daquela obra pedagógica, cuja primeira fase decorreu recentemente em São Bartolomeu de Messines (conforme «A Voz de Loulé» noticiou), terra natal do poeta.

A iniciativa cabe ao Racial Clube de Silves, com a colaboração de entidades oficiais e autarquias do Algarve.

O concurso acima referido é extensivo a todas as crianças que não excedam os 10 anos de idade, à data da sua realização. Os assuntos serão escolhidos livremente pelos concorrentes, mas terão de ser subordinados ao tema «João de Deus e a Cartilha Maternal».

NOVO SUBCHEFE DA PSP DE LOULÉ

Após uma permanência de cerca de 1 ano em Angola, já se encontra de novo a chefiar o Posto de Loulé da P. S. P. o nosso prezado amigo sr. Vicente Martins, que durante alguns anos exerceu aqui idênticas funções, revelando qualidades de chefia e de idoneidade que justificaram o respeito e a consideração de que é merecedor.

Vem a propósito informar os nossos leitores que o Posto de Loulé da P. S. P. vai ser reforçado com mais 5 elementos, número considerado imprescindível para as actuais necessidades de segurança da população local.

Sabemos que este aumento de efectivos coincidirá com uma transferência do Posto para as actuais instalações da Guarda Nacional Republicana a qual, por sua vez, ficará instalada (e parece que muito bem!) no edifício da Cadeia Comarcá, a qual já não funciona há cerca de 2 anos, pois Loulé ficou abrangida pela área da cadeia de Faro.

Como a missão da G. N. R. é de vigilância no campo, é perfeitamente aceitável que abandone instalações que se situam na zona mais central da Vila.

Esperamos (e desejamos) que o reforço de efectivos da P. S. P. e da G. N. R. venha contribuir positivamente para maior tranquilidade daquela parte da população que, por ser ordeira e trabalhadora, bem merece dormir em segurança em relação aos seus bens e à sua própria pessoa.

Serão admitidos trabalhos em prosa e poesia; desenho, pintura, papéis recortados, e artesanato escolar ou trabalhos manuais.

Os trabalhos em prosa e em verso devem ser curtos, manuscritos (com boa caligrafia) ou dactilografados, apenas de um lado do papel; os trabalhos de desenho e pintura devem ter a medida mínima de uma folha de papel almaço. Todos devem indicar sempre o nome, a idade e a morada do autor ou dos autores e ainda a escola que frequentam.

Os trabalhos serão aceites até ao próximo dia 31 de Maio — podendo a entrega ser feita pessoalmente ou pelo correio para «Concurso Infantil do Centenário da Cartilha Maternal», Racial Clube — Silves — Algarve.

Serão atribuídos 10 prémios em cada modalidade e, se o júri assim o entender, poderão ser atribuídas menções honrosas. Haverá um prémio especial para a Escola que apresentar o melhor conjunto de obras.

A exposição dos trabalhos concorrentes, depois de se realizar em Lisboa, será repetida em São Bartolomeu de Messines, Silves, Faro e, possivelmente, noutros locais do País.

Festas de Nossa Senhora da Piedade

No próximo domingo, dia 2 de Maio, completa-se o ciclo festivo tradicional da nossa vila, em honra da Virgem sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, ou melhor, na linguagem do nosso povo, da Mãe Soberana.

Desde a Páscoa que a imagem, trazida do seu pequeno santuário, é objecto da veneração dos fiéis na Igreja Paroquial de S. Sebastião, onde, como sempre, a afluência de devotos tem sido contínua, enchendo-se o templo, todas as noites, durante as novenas.

As 17 horas sairá a majestosa procissão, na qual se incorporam milhares de pessoas de toda a Província e que depois de percorrer as principais ruas da vila, seguirá, no meio do mais vibrante entusiasmo em marcha triunfal para o seu santuário.

Estas festas das mais antigas e típicas da devoção mariana, trarão este ano, como sempre, à nossa vila grande número de pessoas que, de toda a província, vêm deixar aos pés da Virgem Senhora da Piedade o roário das suas preces e as flores da sua gratidão.

O DIREITO DE PROPRIEDADE E O ESTADO

(continuação da pág. 1)

cargo, deverá por isso regular-se por esses direitos. Acima do económico está o humano, o que nos leva a considerar a comunidade económica como subordinada à comunidade política. O Estado, no momento de definir os seus direitos em assuntos de economia, deve, portanto, voltar-se para o homem e colocar-se numa perspectiva de absoluto à pessoa humana e seus direitos. Em suma, deve dirigir a sua atenção aos fins humanos, porque a economia é apenas um meio para eles e, como tal, terá que elaborar-se segundo uma hierarquia em cujo topo estará a pessoa com os seus direitos.⁽¹⁾

Assim, a vida económica aparece-nos dominada, de certo modo, pelos direitos inalienáveis da pessoa humana, os quais, como a própria pessoa, são anteriores ao Estado (Haring diz até: «O homem não é para o Estado, mas o Estado para o homem»⁽²⁾). E entre esses direitos, estão o direito à vida, o direito a tudo o que é necessário à vida, o direito — como ser racional que que é o homem — de ser sua própria providência e prover as suas necessidades. Como resultado, o direito à propriedade privada, pela qual a pessoa garantirá sua subsistência, livremente e com toda a dignidade, até como fruto do seu trabalho humano que, por essência, é antes de tudo, pessoal, embora também ele tenha uma função social.

Sendo assim, no exercício de seus direitos e na definição dos seus deveres, o Estado deverá, primeiro, considerar os direitos da pessoa como anteriores aos seus. Por isso, mesmo quando se fizer apelo ao Estado para estimular ou estruturar mais convenientemente a vida económica, não poderá ser nunca em detrimento da pessoa que se há-de fazer tal intervenção.

Tudo isto, porém, não retira ao Estado o direito de intervir directamente no regime de propriedade, desde que o imponha a regulação do uso dos bens de acordo com o bem comum. O Concílio Vaticano II diz mesmo que «no nosso tempo a complexidade crescente das circunstâncias obriga os poderes públicos a interferir mais frequentemente em matéria social, económica e cultural, para criar condições mais favoráveis que permitam aos cidadãos e aos grupos, prosseguir de um modo mais eficaz, na realização do bem completo do homem na liberdade» (*Gaudium et Spe*, n.º 75).

ANALIDE GUERREIRO
(continua no próx. número)

(1) Cfr. Régis Jolivet, *Traité de Philosophie*, t. IV, *Morale*, Paris, Emmanuel Vitte, 1955, p. 320-321.

(2) Bernhard Haring, *A Lei de Cristo*, vol. III, Ed. Herder, S. Paulo, 1961, p. 797.

O País tem nova Constituição Política

(continuação da pág. 1)

dos na Assembleia Constituinte, os deputados eleitos pelo Povo português puderam elaborar uma Constituição verdadeiramente democrática, bastante avançada mesmo em relação a muitos outros países do Mundo.

Esta nova Lei Política, se for devidamente acatada, é uma certeza de que a Democracia avançará em Portugal, a caminho de um futuro mais livre, justo e progressivo. Para usar de novo uma expressão de Costa Gomes, «respeitá-la deve ser um honroso acto voluntário de todos os portugueses».

M. E. CAMPOS

Pinheiro de Azevedo no Algarve

(continuação da pág. 1)

ção de todo o País para as excelentes condições que o Algarve reúne para o turismo.

O Almirante Pinheiro de Azevedo tem uma predilecção especial pelo Algarve, província que visita quando as tarefas governativas lhe concedem algum tempo disponível. Assim aconteceu agora.

Pinheiro de Azevedo — a exemplo do que sucedeu há poucos meses — aproveitou a sua

presença no Algarve para se inteirar dos diversos problemas, sobretudo os que se relacionam com o turismo, e para visitar algumas localidades algarvias, conversando calmamente com as pessoas que se lhe dirigiam.

Como curiosidade, diremos ainda que Pinheiro de Azevedo afirmou que «se pudesse vinha viver para o Algarve, que é uma terra maravilhosa». Por outro lado, um algarvio comentou a afirmação do Primeiro-Ministro acrescentando: «Assim já ficamos mais esperançados na des-centralização administrativa...»

O Estado intervém na Quinta do Lago

Numa das suas últimas reuniões, e sob proposta do Ministro do Comércio Externo, o Conselho de Ministros resolveu que o Estado intervenha na Sociedade do Golfo da Quinta do Lago, nos termos do decreto-lei 660/74, com suspensão dos órgãos sociais das Sociedades Planal (Sociedade de Planeamento e Desenvolvimento do Algarve, S.A.R.L.) e Sociedade do Golfo da Quinta do Lago. Como se sabe, na Quinta do Lago (zona de Almancil) estava programada a construção de um empreendimento turístico de grande envergadura, todavia seguindo critérios elitistas que hoje são bastante contestados, por razões económicas e sociais.

LEILÃO DE BICICLETAS

No posto de Loulé da P. S. P. realiza-se no próximo dia 6 de Maio, um leilão de bicicletas e outros objectos, encontrados na via pública e que não foram reclamados pelos respectivos proprietários nos prazos legais.

No entanto, tratando-se de objectos de elevado valor, de entre os quais se encontram 7 motorizadas (uma das quais quase nova de custo aproximado a 17 contos). Os proprietários poderão levantar o que lhes pertencer antes do leilão desde que a documentação apresentada seja prova clara da respectiva propriedade.

TRANSCRIÇÕES

Em recente edição o «Diário de Notícias» teve a gentileza de transcrever de «A Voz de Loulé» 2 períodos do artigo «Moeda sem cobertura» do nosso colaborador Manuel Faria.

Por sua vez, o nosso prezado colega «O Zé», de Rio Maior, transcreveu na íntegra, o referido artigo.

Em números mais recentes novamente o «Diário de Notícias» honrou este jornal transcrevendo parte da local aqui publicada: «Ora agora saís tu, ora agora entro eu» e também alguns períodos do artigo: «Eleições, clivismo e responsabilidade».